EDGAR ALLAN POE

O coração denunciador ("The Tale-Tell Heart", 1843)

É verdade! — nervoso —, eu estava assustadoramente nervoso e ainda estou; mas por que você diria que estou louco? A doença tinha aguçado os meus sentidos — não destruído —, não amortecido. Acima de tudo, aguçado estava o sentido da audição. Eu escutava todas as coisas no céu e na terra. Eu escutava muitas coisas do inferno. Como posso estar louco? Ouça com atenção! E veja com que sanidade, com que calma sou capaz de contar a história inteira.

É impossível dizer como a ideia entrou primeiro no meu cérebro; mas, uma vez concebida, perseguia-me dia e noite. Objeto, não havia nenhum. Paixão, não havia nenhuma. Eu amava o velho. Ele nunca me fizera mal. Ele nunca me insultara. Pelo ouro dele eu não nutria desejo. Penso que foi o olho dele! Sim, foi isso! Tinha o olho de um abutre — um olho azul-pálido recoberto por uma película. Sempre que pousava sobre mim, meu sangue congelava; e assim, por etapas — muito gradualmente —, decidi tirar a vida do velho e, dessa forma, livrar-me do olho para sempre.

Bem, esse é o ponto. Você me imagina louco. Loucos não sabem de nada. Mas você devia ter me visto. Você devia ter visto a sabedoria com que agi, com que cautela, com que antecipação, como me entreguei ao trabalho, dissimulado! Eu nunca fora mais gentil com o velho do que durante a semana que antecedeu à minha perpetração do assassinato. E toda noite, por volta da meia-noite, eu girava a fechadura da porta dele e a abria — oh, com tanta delicadeza! E então, quando havia aberto o suficiente para a passagem da minha cabeça, eu introduzia uma lanterna escura, coberta, toda coberta para que nenhuma luz passasse, e fazia entrar a minha cabeça. Oh, você riria de ver a astúcia com que a fazia entrar! Eu a movia devagar — muito, muito devagar, para não perturbar o sono do velho. Levava uma hora para passar a cabeça inteira pela abertura até que eu pudesse vê-lo deitado na cama. Ah! — um doido seria esperto assim? E depois, quando a minha cabeça estava bem dentro do quarto, eu descobria a lanterna cauteloso — oh, com tanta cautela —, cauteloso (porque as dobradiças gemiam) —, eu a descobria o suficiente para que um fino raio de luz caísse sobre o olho de abutre. E isso eu fiz por sete longas noites — toda noite, exatamente à meia-noite —, mas encontrava o olho sempre fechado; e, portanto, era impossível executar o trabalho; pois não era o velho que me atormentava, mas seu olhar. E toda manhã, quando o dia raiava, eu ia determinado ao quarto e lhe falava com audácia, chamando-o pelo nome num tom caloroso, e perguntava como havia passado a noite. Veja que ele teria de ser um velho muito astucioso, de verdade, para suspeitar que toda noite eu o espreitava enquanto dormia.

Na oitava noite fui mais cauteloso que de hábito para abrir a porta. O meu movimento era mais lento que o do ponteiro menor de um relógio. Antes daquela noite eu nunca sentira o alcance dos meus poderes — da minha sagacidade. Eu mal podia conter meu sentimento de vitória. Pensar que estava ali, abrindo a porta, um pouco de cada vez, e ele nem sonhava as minhas intenções ou pensamentos secretos. Eu cheguei a rir da ideia; e talvez ele tivesse me ouvido: pois se mexeu na cama de repente como se estivesse assustado. Nisso você poderia pensar que eu recuaria — mas não. Na escuridão densa, o quarto estava negro como piche (porque as persianas estavam bem fechadas pelo medo de ladrões), e dessa forma eu sabia que ele não teria como ver a abertura da porta que eu continuava a empurrar continuamente, continuamente.

Eu já tinha introduzido a minha cabeça e ia descobrir a lanterna quando meu polegar escorregou no ferrolho de estanho e o velho pulou da cama gritando: "Quem está aí?".

Fiquei imóvel e não disse nada. Por uma hora inteira não movi um músculo e, nesse meio-tempo, não o ouvi se deitar. Continuou sentado na cama, à escuta — como eu fizera, noite após noite, espreitando os relógios da morte na parede.

Nessa hora, escutei um leve gemido e sabia que era o gemido do terror mortal. Não era um gemido de dor ou um lamento — oh, não! —, era o som baixo, abafado, que emerge do fundo da alma tomada de espanto. Eu conhecia bem o som. Em muitas noites, exatamente à meia-noite, quando o mundo inteiro dormia, ele brotava do meu próprio peito, intensificando, com seu eco aterrorizante, os terrores que me perturbavam. Eu sabia o que o velho sentia e tinha pena dele, embora no fundo eu risse. Eu sabia que ele permanecia deitado, acordado, desde o primeiro ruído, quando tinha virado na cama. Desde então, os medos dele vinham crescendo. Ele tentava imaginá-los sem razão, mas não conseguia. Ele se dizia: "Não é nada a não ser o vento na chaminé", "apenas um rato cruzando o quarto", ou "é só um grilo que cantou uma única nota". Sim, ele procurava se confortar com essas hipóteses: mas achava todas inúteis. Todas inúteis - porque a Morte, ao se acercar dele, tinha se aproximado com sua sombra negra e envolvido a vítima. E foi a influência pesarosa da sombra imperceptível que o fez sentir — embora ele não visse nem ouvisse —, sentir a presença da minha cabeça no quarto.

Quando já havia esperado por um tempo longo, muito paciente, sem ouvi-lo deitar- se, decidi abrir uma fenda — uma fenda muito, muito pequena — na lanterna. E assim eu a abri — você não pode imaginar quão furtivo, furtivo - até que um raio único, sombrio, como o filamento de uma teia de aranha, disparou da fenda e caiu no olho de abutre.

Ele estava aberto — bem, bem aberto —, e fiquei furioso ao fixá-lo. Eu o vi com
perfeita clareza — todo ele um azul-pálido coberto por um véu horrendo que enregelou a própria medula em meus ossos; porém eu não via nada mais do rosto ou da pessoa do velho: pois eu tinha apontado o raio, como que por instinto, precisamente sobre o ponto maldito.

E eu não lhe disse que você confunde a loucura com um simples aguçamento dos sentidos? Bem, sim, chegou aos meus ouvidos um som baixo, abafado, ligeiro, como o de um relógio envolvido em algodão. Também aquele som eu conhecia bem. Eram as batidas do coração do velho. Elas aumentaram a minha fúria, como a batida de um tambor que estimula um soldado a ter coragem.

Mas, ainda assim, me contive e permaneci inerte. Eu mal respirava. Segurei a lanterna imóvel. Experimentei o

quanto era capaz de manter o raio sobre o olho. Enquanto isso, o tamborilar infernal do coração aumentou. Tornou-se mais e mais rápido, e mais e mais alto a cada momento. O terror do velho deve ter sido extremo! Tornou-se mais, sim, mais alto a cada momento! Você está me ouvindo bem? Eu lhe disse que estou nervoso: portanto, estou. E agora, na hora morta da noite, em meio ao silêncio aterrorizante daquela casa velha, esse som estranho me levou a um terror incontrolável. Porém, por mais alguns minutos eu me contive e fiquei imóvel. Mas as batidas se tornaram mais altas, mais altas! Pensei que o coração fosse explodir. E nessa hora fui tomado de angústia — o som seria ouvido por um vizinho! A hora do velho tinha chegado! Com um grito estridente escancarei a lanterna e entrei no quarto. Ele guinchou uma vez — uma só vez. Num instante eu o arrastei para o chão e puxei a cama pesada sobre ele. Depois sorri feliz de ver o ato realizado. Mas por muitos minutos o coração continuou batendo com um som abafado. Isso, entretanto, não me incomodou; não seria ouvido através da parede. Aos poucos, parou. O velho estava morto. Retirei a cama e examinei o cadáver. Sim, ele estava como pedra, morto como pedra. Pus a mão sobre o coração e a deixei ali por alguns minutos. Não havia pulsação. Ele estava morto como pedra. O olho dele não ia me perturbar mais.

Se você ainda pensa que sou louco, vai mudar de ideia depois de eu descrever as sábias precauções que tomei para ocultar o corpo. A noite definhava e trabalhei apressado, mas em silêncio. Primeiro, desmembrei o cadáver. Cortei a cabeça e os braços e as pernas.

A seguir, levantei três tábuas do piso do quarto e escondi tudo entre os caibros. Depois recoloquei as tábuas com tanta engenhosidade, com tal destreza, que nenhum olho humano — nem mesmo o dele — notaria alguma coisa errada. Não havia nada para lavar — nenhum tipo de mancha —, nenhuma mancha de sangue. Eu tinha sido por demais cuidadoso. Um ralo havia sorvido tudo — ah! ah!

Quando terminei todo o trabalho eram quatro horas — ainda estava escuro como à meia-noite. Quando o sino deu as horas, houve uma batida na porta da rua. Desci para abri-la com o coração leve — pois o que eu tinha a temer agora? Entraram três homens que se apresentaram com delicadeza irrepreensível como agentes da polícia. Um vizinho tinha ouvido um grito agudo durante a noite; levantou-se a suspeita de um crime; registrara-se uma queixa na polícia e eles (os agentes) foram designados para dar busca no local.

Sorri — pois o que tinha a temer? Dei boas-vindas aos cavalheiros. O grito, eu disse, tinha sido meu num sonho. O velho, mencionei, estava fora, no campo. Conduzi os visitantes por toda a casa. Convidei-os a explorar — explorar bem. Levei-os, sem pressa, ao quarto dele. Mostrei-lhes os tesouros do velho, seguro, imperturbável. No entusiasmo da minha confiança, trouxe cadeiras ao quarto e expressei o desejo de que descansassem do trabalho ali, ao passo que eu, na audácia selvagem da minha completa vitória, acomodei-me no ponto exato sob o qual jazia o cadáver da vítima. Os agentes se mostraram satisfeitos. Meus modos os haviam convencido. Eu estava particularmente à vontade. Eles continuaram sentados e, enquanto eu dava respostas, animado, tagarelaram sobre coisas íntimas. Mas, pouco tempo depois, me senti empalidecendo e desejando que fossem embora. Minha cabeça doía, e imaginei ouvir um tinido nos ouvidos: mas eles seguiam sentados, tagarelando. O tinido tornou-se mais claro: passei a falar mais exaltado, para me livrar da sensação: mas ele insistiu e ganhou definição — até que, aos poucos, descobri que o som não estava em meus ouvidos.

Nessa hora, eu sem dúvida fiquei muito pálido — mas falava com mais fluência e em voz mais alta. Entretanto, o som se intensificou — e o que eu podia fazer? Era um som baixo, abafado, ligeiro — muito parecido com o som de um relógio envolvido em algodão. Fiquei quase sem fôlego — mas os agentes não o ouviram. Falei mais depressa — com mais veemência; mas o ruído aumentava continuamente. Levantei e discuti banalidades, num tom agudo e com gestos exagerados; mas o ruído aumentava continuamente. Por que eles não iam embora? Andei pelo piso para cima e para baixo com passadas pesadas, como se estivesse enfurecido com as falas deles — mas o ruído aumentava continuamente. Oh, Deus! O que eu podia fazer? Espumejei — fiquei furioso —, praguejei! Girei a cadeira em que estivera sentado e arrastei-a sobre as tábuas, mas o ruído se sobrepôs a tudo e aumentava sem parar. Tornou-se mais alto — mais alto —, mais alto! E os homens seguiam tagarelando com prazer, e sorriam. Seria possível que eles não estivessem ouvindo? Deus Todo- Poderoso! — não, não! Eles ouviram! — eles suspeitaram! — eles sabiam! — eles zombavam do meu terror! — isso eu pensei, e ainda penso. Mas qualquer coisa era melhor que essa agonia! Qualquer coisa era mais tolerável que esse escárnio! Eu não podia mais suportar aqueles sorrisos hipócritas! Sentia que tinha de gritar ou morrer! — e então — de novo! — Ouça! Mais alto! Mais alto! Mais alto! Mais alto! "Miseráveis!", guinchei, "parem de disfarçar! Eu confesso o crime! Arranquem as tábuas! Aqui, aqui! — são as batidas do seu coração horrendo!"

Tradução de Paulo Schiller